



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**NELSON GONÇALVES**

**PORTFÓLIO DE MEMÓRIAS DOCENTES:  
O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL  
E MÉDIO PROF.º ANÉSIO LEÃO**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2014**

**NELSON GONÇALVES**

**PORTFÓLIO DE MEMÓRIAS DOCENTES:  
O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL  
E MÉDIO PROF.º ANÉSIO LEÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Lígia Pereira dos Santos.

**CAMPINA GRANDE - PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G635p Gonçalves, Nelson  
Portfólio de memórias docentes [manuscrito] : o ensino de história na escola estadual de ensino fundamental e médio Prof. Anésio Leão / Nelson Goncalves. - 2014.  
30 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.  
"Orientação: Profa. Dra. Lígia Pereira do Santos, Departamento de Pedagogia".

1. Ensino de História 2. Currículo 3. Estágio Supervisionado I. Título.

21. ed. CDD 372.89

NELSON GONÇALVES

PORTFÓLIO DE MEMÓRIAS DOCENTES:  
O ENSINO DE HISTÓRIA NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E  
MÉDIO PROF.º ANÉSIO LEÃO

Trabalho de Conclusão de Curso da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciado em História.

Aprovada em: 25/11/2014

BANCA EXAMINADORA

  
Prof.ª Dr.ª Ligia Pereira dos Santos (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Dr.ª Auricélia Lopes Pereira (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Ms.ª Maria das Graças Ferreira de Lima (Examinadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## DEDICO

Aos meus pais pelo incentivo aos estudos e contribuição com o exemplo de vida para que eu crescesse eticamente e fizesse tarefas com responsabilidade.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que sempre me ajuda a conquistar meus objetivos.

À Direção e aos professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof.<sup>o</sup> Anésio Leão, em especial, Marlene da Silva Santos, pelo apoio durante o estágio.

Aos professores do Curso de História e Departamento de História da UEPB pela contribuição durante toda a graduação.

Ao Professor Daniel Ely Silva Barbosa pelo apoio durante a disciplina Estágio Supervisionado I.

À professora Lígia Pereira dos Santos pela orientação, pelo incentivo para que este trabalho fosse feito, pela dedicação e carinho que tem pelos alunos.

À professora Auricélia Lopes Pereira pela ajuda obtida no momento difícil, quando pensei que não terminaria o curso, com gratidão sincera.

À banca examinadora pela disposição, por aceitar o convite e contribuir para conclusão desta etapa importante de minha vida.

À Coordenação do Curso de História pelo atendimento e pelas informações.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Ao meu pai Antônio Severino Gonçalves (*in memoriam*) pelo exemplo de leitor que tive na infância.

A minha mãe Regina Maria Gonçalves pelo incentivo de estudar, jamais desistir.

Aos meus irmãos Aelson Gonçalves, Israel Gonçalves, Sandra Gonçalves, Norma Gonçalves, Osvaldo Gonçalves, Olavo Gonçalves e Newton Gonçalves Nascimento pelo apoio e compreensão.

## RESUMO

Este trabalho relata minhas experiências como professor estagiário na turma do 8º ano A do turno da manhã na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Anésio Leão, destacando aspectos do período de observação e regência. De forma sucinta destaco fatos marcantes inteiramente ligados à história do ensino de História e à educação em nosso país tendo como referência FONSECA (1993), ARANHA (1996), RIBEIRO (1991) E BITTENCOURT (2004). Tomei teoricamente a contribuição de GIROUX (2005), ALTHUSSER (1983), SILVA, M. A (2006) e outros autores, destacando as concepções de currículo que surgiram ao longo da História e como estas se constituíram através da contribuição de estudos sociológicos e também de teorias de ensino e de aprendizagem. Discuto as várias formas de composição curricular e destaco a função dos Parâmetros Curriculares Nacionais em relação ao ensino de História nas escolas brasileiras. Destaco os desafios encontrados no início das atividades de professor no estágio supervisionado e apresento a relação entre a regência em sala de aula e a utilização das fontes históricas na busca por um processo de ensino aprendizagem capaz de desenvolver o conhecimento crítico dos estudantes do ensino fundamental.

**Palavras-Chave:** Ensino de História; Currículo; Estágio Supervisionado.

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

INTRODUÇÃO 09

HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL 10

CURRÍCULO 14

APRESENTANDO AS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO 19

CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA FÍSICA E HUMANA DA ESCOLA 20

OBSERVAÇÃO 22

REGÊNCIA 24

CONSIDERAÇÕES FINAIS 27

BIBLIOGRAFIA 30

ANEXOS

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende relatar minhas experiências como professor estagiário na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Anésio Leão, destacando aspectos do período de observação e regência, no período de 26 de abril até 31 de julho de 2012.

Como forma de cumprimento às exigências para conclusão do Componente Curricular Estágio Supervisionado I, destaco primeiramente nesta atividade algumas das principais medidas adotadas pelo processo educacional brasileiro. Período que abrange a educação desde a chegada dos jesuítas ao Brasil, em 1549, até nossos dias, dando ênfase a fatos marcantes inteiramente ligados à política, à história e à educação em nosso país.

Em seguida proponho de forma sucinta apresentar o processo de construção do currículo e as relações com a educação, enfatizando que o currículo está intimamente ligado com o processo cultural. Também discutir algumas concepções de currículo que surgiram ao longo da História e como estas se constituíram através da contribuição de estudos sociológicos e também de teorias de ensino e de aprendizagem. Bem como mostrar as várias formas de composição curricular e analisar a função dos Parâmetros Curriculares Nacionais em relação aos ensinamentos das escolas brasileiras. E ainda com respeito ao ensino de História, destacar variadas abordagens metodológicas como meio de ajudar os professores nas suas práticas de ensino.

E por fim, relatar algumas experiências de professor estagiário no período da observação e da regência, mostrando os aspectos de funcionamento da escola, como o número de turmas, turnos e séries, a carga horária de ensino de História, os recursos didático-pedagógicos disponibilizados por ela, como também descrever o perfil da turma do 8º ano A no turno da manhã, relatando as experiências vivenciadas junto aos professores, funcionários e a direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Anésio Leão. Além de demonstrar as práticas de ensino dos conteúdos históricos em sala de aula, como forma de avaliação dos alunos, discuto os desafios encontrados no início das atividades de professor estagiário. Enfim, discutir a relação entre a regência em sala de aula e a utilização das fontes históricas na busca por um processo de ensino aprendizagem capaz de desenvolver o conhecimento e o raciocínio dos estudantes do ensino fundamental faz parte da minha proposta de elaboração desta atividade.

## HISTÓRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA NO BRASIL

Em nossa narrativa optamos por destacar algumas das principais medidas adotadas que fizeram parte do processo educacional brasileiro desde o início da colonização. Daremos ênfase a fatos marcantes que estão inteiramente ligados à política e a história do Brasil, bem como os conteúdos vinculados à educação e ao ensino de História.

Verificou-se que, com a chegada dos jesuítas ao Brasil, em 1549, são fundadas as primeiras escolas elementares, secundárias, seminários e missões. Espalhadas pelo Brasil até 1759, ano em que o Marquês de Pombal expulsa os jesuítas, estas primeiras escolas tinham como finalidade promover uma ação maciça na catequese dos índios, na educação dos filhos dos colonos, na formação de novos sacerdotes e da elite intelectual, bem como a influenciar na fé e na moral dos habitantes.

O primeiro plano educacional fora elaborado pelo padre Manoel da Nóbrega. Contava com significativo apoio real na colônia e tinha como únicos educadores profissionais os jesuítas. Segundo Ribeiro (1991) o plano de estudos propriamente dito foi elaborado de forma diversificada, com o objetivo de atender à diversidade de interesses e de capacidades. Começando pelo aprendizado do português, incluía o ensino da doutrina cristã, a escola de ler e escrever.

Com as reformas pombalinas várias medidas são tomadas de forma desconexa e fragmentadas e dar-se início à implantação do *ensino público oficial*. A coroa nomeia professores e estabelece planos de estudo e inspeção. Aranha (1996) afirma que o curso de humanidades, característico do ensino jesuítico, é modificado para o sistema de *aulas régias* de disciplinas isoladas. Eram aulas avulsas de latim, grego, filosofia e representou um avanço visto que permitia a exigência de novos métodos e novos livros.

No período imperial D. João VI determina as primeiras medidas a respeito da educação no sentido de criar escolas de nível superior para atender às necessidades do momento e assim: formar oficiais do exército e da marinha, engenheiros militares, médicos e abrir cursos especiais de caráter pragmático. Algumas dessas realizações foram a Academia Real da Marinha (1808) e Academia Militar (1810), cursos médico-cirúrgicos a partir de 1808, na Bahia e no Rio, diversos cursos avulsos de economia, química e agricultura, também na Bahia e no Rio. Cursos jurídicos surgem, em São Paulo e em Recife, mas só se tornam faculdades em 1854.

Mesmo no ensino superior, os cursos permanecem como institutos isolados, sem que haja interesse na formação de universidade. A educação tem caráter elitista e aristocrático,

sendo acessível aos nobres, os proprietários de terra e uma parcela intermediária, surgida da ampliação dos quadros administrativos e burocráticos.

Com relação ao ensino secundário, este é predominantemente ministrado por professores particulares em aulas avulsas, sem fiscalização ou unidade. Conforme constatação de Aranha (1996), não há vinculação entre os currículos dos diversos níveis, aliás, nem há propriamente currículo devido à escolha aleatória de disciplinas, sem qualquer exigência de se completar um curso para iniciar outro.

A situação torna-se ainda mais complicada quando é fundado em 1837 no Rio de Janeiro o Colégio D. Pedro II, destinado a servir de modelo de ensino. Sob a jurisdição da Coroa, fica sendo o único colégio autorizado a realizar exames parcelados para conferir grau de bacharel, indispensável para o acesso aos cursos superiores.

No Colégio Pedro II, a disciplina de História passou a ter presença obrigatória no currículo. O foco se dava na formação da civilização ocidental e o estudo sobre o Brasil era apenas um de seus apêndices. A maioria dos professores daquela escola era formada por membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado no mesmo ano e adepto de uma visão política e romantizada da formação do país. Além de pautar o ensino pela questão da identidade de maneira ufanista, acreditava-se que esse era o momento em que os educadores deveriam formar moral e civicamente as crianças e os jovens.

A História como área escolar obrigatória surgiu com a criação do Colégio Pedro II, em 1837, dentro de um programa inspirado no modelo francês. Predominavam os estudos literários voltados para um ensino clássico e humanístico e destinados à formação de cidadãos proprietários e escravistas.(PCNs, 1998, p.19)

A metodologia utilizada era a tradicional, que tinha como princípio levar os alunos a memorizar datas e fatos na ponta da língua.

Após a proclamação da República, em 1889, poucas mudanças aconteceram no modo de como ensinar História, uma vez que o ensino desta disciplina foi influenciado por escolhas políticas. Num período marcado pela influência positivista, só eram aceitos os documentos oficiais, pois estes eram os fiéis guardiões da verdade, e os conteúdos ensinados aos alunos eram focados na exaltação dos feitos políticos e dos grandes heróis nacionais, já que as elites procuravam construir uma identidade nacional.

Com o regime republicano, através de um nacionalismo patriótico, buscava inserir a nação num espírito cívico. A escola elementar seria o agente da eliminação do analfabetismo ao mesmo tempo em que efetuar a moralização do povo e a assimilação dos imigrantes estrangeiros no interior de uma ideologia nacionalista e elitista que apontava a cada segmento o seu lugar no contexto social.(PCNs, 1997, p.20)

O primeiro curso superior de História só foi criado na USP, em 1934. A academia nasce com uma visão tradicionalista de memorizar os fatos em ordem cronológica, tendo como referência a construção dos estados-nação e a importância dos valores morais e cívicos.

Somente a partir da primeira metade do século XX é que esta disciplina afirmou-se através de várias reformas curriculares, sendo que a Reforma Gustavo Capanema, em 1942, confirmou a autonomia da disciplina História enquanto formadora da moral e do patriotismo.

Com a mudança da configuração política promovida através do golpe civil militar de 1964 o ensino de História no Brasil se afirmou num sistema educacional acrítico, direcionado exclusivamente para uma sucessão linear de fatos tidos como significativos.

Durante a Ditadura Militar, no ano de 1971, as autoridades substituíram História e Geografia por Estudos Sociais nas séries iniciais. Segundo Bittencourt (2004), professora de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, a fusão empobreceu os conteúdos de ambas as disciplinas, pois a ênfase agora estava no civismo.

A consolidação dos Estudos Sociais em substituição à História e Geografia constituiu-se ao lado da Educação Moral e Cívica em fundamentos dos estudos históricos, integrados a temas de Geografia centrados nos círculos homocêntricos. Os conteúdos de História e Geografia foram “esvaziados ou diluídos, ganhando contornos ideológicos de um ufanismo nacionalista destinado a justificar o projeto nacional organizado pelo governo militar implantado no País a partir de 1964”.(PCNs, 1997, p.23)

O professor de Educação Moral e Cívica teria de ser licenciado em Estudos Sociais, pois adquiriria no curso habilidades essenciais para o ensino voltado para a figura dos heróis, estudos de datas comemorativas e festas cívicas.

Ao inserir a Educação Moral e Cívica no currículo como disciplina obrigatória, o Estado mantém o controle sobre o que é ensinado, desqualifica o papel do professor ao transformá-lo num simples reprodutor de informações como afirma a autora Fonseca (1993, p.25):

Para a realização de um projeto educacional, um dos elementos mais importantes do processo é o professor. Este supostamente domina o saber, e a educação realiza-se através do seu trabalho no nível do planejamento e execução do processo de ensino, sendo investido de autoridade institucional. Evidentemente, os princípios de segurança nacional e desenvolvimento econômico norteadores da nova política educacional chocam-se com o princípio de autonomia do professor e o Estado passa a investir deliberadamente no processo de desqualificação dos profissionais da educação.

Em 1976 a situação se agrava, visto que o Ministério de Educação determina que, para dar aulas de Estudos Sociais, os professores precisam ser formados na área, sendo assim as portas fecham-se para os graduados em História.

A abolição de Estudos Sociais dos currículos escolares só ocorreu em 1997. A partir deste ano, tanto História quanto Geografia voltam a aparecer separadamente, e os especialistas começam a pensar novas formas sobre as atuais especificidades de cada uma das disciplinas.

Em 1997, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, são definidos os objetivos da área. Entre eles está o de formar indivíduos de modo que eles sintam-se parte da construção do processo histórico.

Fonseca (2003) alerta que é preciso pensar a disciplina de História como fundamentalmente educativa, formativa, emancipadora e libertadora.

Outra medida em destaque deu-se em 2003 quando o Conselho Nacional da Educação determinou que a história e a cultura afro-brasileira fossem abordadas em todas as escolas do país, o que mostra outra forma de abordarmos parte de nossa historicidade nacional.

Com relação à metodologia moderna do ensino de História verificou-se que além de ampliar o corolário de temas escolares – introduzindo, por exemplo, manifestações culturais locais – e de procurar diferentes versões, também se caracterizou pela ênfase na relação entre o passado e o presente, pelo rompimento com a linearidade e pela investigação às fontes de diversas naturezas. Foi a partir da década de 80 que cada vez mais professores foram tomando contato com novas formas de trabalhar fatos históricos.

Para o professor graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Vanderlei Elias Nery:

O professor tem um papel importantíssimo no processo de ensino-aprendizagem. É ele que detém os conhecimentos básicos da disciplina lecionada e também das técnicas de ensino. O que queremos destacar aqui é que, para que haja uma real democratização da escola, o professor deve enxergar o aluno como sujeito construtor de sua história e do seu conhecimento, sendo fundamental que o mestre ouça seus alunos e participe com eles do processo de ensino-aprendizagem. (NERY, 2009)

Desde a publicação dos PCNs, temas como ética e diversidade cultural começaram a ser introduzidos ao ensino de História, indicando mais uma mudança, uma vez que no passado o objetivo era fomentar a ideia de identidade nacional, firmada na deturpação e romantização de acontecimentos. Hoje, a intenção é explorar as diferentes identidades que existem dentro de uma nação, procurando tornar os alunos conhecedores da diversidade cultural de sua época.

## CURRÍCULO

Procurar entender como se deu o processo de construção do currículo e as relações com a educação e o conhecimento, bem como enfatizar que o currículo está intimamente ligado com o processo cultural faz parte da minha proposta de elaboração deste relatório, e das minhas experiências como estagiário, destacando as práticas de currículo adotadas no ambiente escolar.

Tendo como premissa a ideia de currículo como construção social, inserido e vinculado a um momento histórico, pretendo de forma sucinta, expor funções que o currículo estabelece como proposta de um projeto cultural realizado por meio de seus conteúdos. Estudar suas práticas e seus conteúdos mostra que o currículo não é estático, mas dinâmico, na medida em que se configura através das práticas educativas.

Muitos consideram o currículo apenas a grade curricular, ou seja, a divisão em disciplinas e os conteúdos trabalhados por elas. Outros, porém, entendem que o currículo é um instrumento político que se vincula à ideologia, à estrutura social, à cultura e ao poder.

Giroux (2005) concebe o currículo como política cultural, mostrando que o mesmo não transmite apenas fatos e conhecimentos objetivos, mas também é capaz de construir significados e valores sociais e culturais. Ele vê o currículo por meio dos conceitos de emancipação e libertação.

Com relação ao ensino, Giroux (op.cit.), vê a escola pelo prisma da criticidade necessária para desmascarar as desigualdades sociais e escancarar as possibilidades de resistência a estas. Nas palavras de Giroux (2005, p.135),

Está no âmago da própria definição de pedagogia crítica a vontade coletiva de reformar as escolas e de desenvolver modos de prática pedagógica em que professores e alunos se tornem agentes críticos que questionem ativamente e negociem a relação entre teoria e prática, entre a análise crítica e o senso comum e entre a aprendizagem e a transformação social.

Este autor também discute sobre o papel do professor como intelectual transformador da escola como esfera pública democrática, onde a voz dos sujeitos é ouvida com os propósitos da produção cultural e da emancipação.

As condições materiais sob as quais os professores trabalham constituem a base para delimitarem ou fortalecerem suas práticas como intelectuais. Portanto, os professores enquanto intelectuais precisarão reconsiderar e, possivelmente, transformar a natureza fundamental das condições em que trabalham. Isto é, os professores devem ser capazes de moldar os modos nos quais o tempo, espaço, atividade e conhecimento organizam o cotidiano nas escolas. Mais especificamente, a fim de atuarem como intelectuais, os professores devem criar a ideologia e condições estruturais necessárias para escreverem, pesquisarem e trabalharem uns com os outros na produção de currículos e repartição do poder. (GIROUX, 1997, p. 29)

A escola, por intermédio do currículo, passa a ser tratada como parte do Aparelho Ideológico do Estado. Althusser foi um dos primeiros autores a chamar a atenção para o papel da escola a partir deste viés. Para Althusser (1983), a escola é um instrumento da classe economicamente dominante, detentora do poder político para a reprodução das relações sociais que favorecem à continuidade dessa classe no poder, e, conseqüentemente, mantém as relações de dominação e submissão existentes.

Mas o que seria essa ideologia? Segundo Nosella (1981) tal ideologia tem por função sustentar e justificar teoricamente a ação.

Ideologia é entendida como uma leitura de uma situação histórica num conjunto de eventos, leitura orientada pelas exigências da ação a ser realizada. A ação exige que sempre exista um suporte teórico (ideologia) que a justifique, e este último não será a explicação mais exaustiva da realidade. Toda ideologia que sustenta uma ação tem a característica da parcialidade como uma exigência mesma da ação. (NOSELLA, 1981, p. 64).

Na sociedade capitalista, Nosella (op.cit.) salienta que a educação tem a escola como um dos instrumentos de sua dominação, cujo papel é reproduzir a sociedade burguesa, através da inculcação de sua ideologia e do credenciamento, que permite a hierarquia na produção, o que garante maior controle do processo pela classe dominante.

Várias concepções de currículo surgiram ao longo da História e estas se constituíram através da contribuição de estudos sociológicos e também de teorias de ensino e de aprendizagem. Quando pensamos o ser humano como um ser histórico, também refletimos em um currículo que atenderá em épocas diferentes a interesses em certo espaço e tempo histórico. A história das concepções de currículo foi marcada por decisões tomadas na intenção de pensar a gestão do currículo de forma a adequá-lo às exigências econômicas, sociais e culturais da época.

A palavra currículo vem do latim, *curriculum*, significa caminho, trajeto, percurso, pista ou circuito atlético. Segundo Goodson (1995:7), o termo *curriculum* é derivado da palavra latina *currere*, que significa correr, curso ou carro de corrida. Pode também estar se referindo à “ordem como seqüência” e à “ordem como estrutura”. Nessa última acepção, remonta ao conjunto de práticas educativas difundidas no século XVI, em universidades, colégios e escolas.

No que se refere às teorizações sobre currículo verifica-se que são recentes. Situam-se no início do século XX nos Estados Unidos e tem papel de destaque o autor Franklin Bobbit, ao elaborar o primeiro tratado de currículo – *The curriculum* (1918). Além de Bobbit, outros autores podem ser citados como referência da área de currículo nos Estados Unidos, pois definiram como deveria ser a relação entre a estrutura do currículo e o controle social.

Segundo Apple (1982: 106), Bobbit respondeu com suas teorizações sobre curriculum a essa nova necessidade econômica de especialização, fundamentando-se nos princípios da Administração Científica e construiu uma teoria de estruturação do currículo que se baseava na diferenciação de objetivos educacionais em termos das funções específicas e limitadas da vida adulta.

Segundo Silva, (2006) a expansão e o crescimento da economia no começo do século XX, dar início ao processo de produção acelerada de mercadorias com base na padronização em série para o consumo de massa. Com isso, a baixa dos custos torna-se essencial, fazendo necessária a racionalização da produção. Desde meados do século XIX já existiam estudos empíricos sobre a organização do trabalho. Sendo assim, vão emergir duas vertentes interligadas da organização científica do trabalho, o Taylorismo e o Fordismo.

O Taylorismo, tendo com expoente o engenheiro mecânico norte-americano Frederick Winslow Taylor (1856-1915) é desenvolvido como um modo de organização racional do trabalho. É uma construção teórica que tenta regular a produção e as relações sociais, aplicando seus princípios na organização das empresas. Buscando fundamento nas ciências humanas, o Taylorismo radicaliza na divisão do trabalho, separando de forma rigorosa o trabalho manual do trabalho intelectual.

Taylor desenvolveu esta teoria a partir da observação dos trabalhadores nas indústrias. O engenheiro constatou que os trabalhadores deveriam ser organizados de forma hierarquizada e sistematizada; ou seja, cada trabalhador desenvolveria uma atividade específica no sistema produtivo da indústria. No Taylorismo, o trabalhador é monitorado segundo o tempo de produção e cada indivíduo deve cumprir sua tarefa no menor tempo possível, sendo premiados aqueles que se sobressaem.

Em 1911, Taylor desenvolveu uma obra chamada “Os princípios da administração”, que continha uma série de métodos inovadores para a produção industrial. Esses novos métodos ficaram mundialmente conhecidos por Taylorismo, em relação ao seu sobrenome.

Inspirado por Taylor, Henry Ford (1863 – 1947), um empreendedor americano fundador da Ford Motor Company cria um sistema industrial chamado de Fordismo. Este sistema se caracterizou pelo trabalho em série feito na esteira rolante, desenvolveu uma sequência de trabalho que seguia uma ordem lógica e simples. A divisão das tarefas e dos gestos bem como a organização do espaço fabril era de forma bem mais coordenada.

A organização é o posto de trabalho e não mais a máquina. Destacam-se como vantagens a economia de espaço e de tempo melhor distribuído, uma vez que o ritmo de fabricação é ditado pela esteira rolante. Esse tipo de atividade vai requerer do operário a

rapidez, a passividade, e não sua habilidade manual. O operário não precisa conhecer a máquina, pois, caso ela dê problema, deve chamar o regulador, que é a pessoa que detém o conhecimento sobre o funcionamento das máquinas. Entende-se que com esse sistema a qualificação irá deslocar-se da fabricação para as atividades de controle e de manutenção.

Analisando a transposição dos princípios oriundos do processo de produção industrial para o âmbito do sistema educacional, Santomé (1998) salienta a produção, no âmbito do sistema educacional, com distorções semelhantes às do mundo produtivo, tais como, hierarquização, divisão de funções, ênfase no conhecimento científico como verdade absoluta, currículo composto por disciplinas estanques, entre outros aspectos.

O processo de desqualificação das tarefas ocorrido no âmbito da produção foi reproduzido no interior dos sistemas educacionais. Tanto trabalhadores como estudantes verão negadas suas possibilidades de poder intervir nos processos produtivos e educacionais dos quais participam. A Taylorização no âmbito educacional faz com que nem professores nem alunos possam participar dos processos de reflexão crítica sobre a realidade, Santomé (1998).

Os princípios Taylorista e Fordista extrapolaram os domínios das fábricas para invadir e estruturar todas as outras dimensões da vida social, influenciando a administração pública em geral e, em particular, a administração da educação.

O currículo passa a ser tratado como um sistema tecnológico de produção. Este enfoque de currículo propõe que os resultados da aprendizagem sejam traduzidos em comportamentos específicos definidos operacionalmente, com verbos adequados, tendo em vista os objetivos que se pretende alcançar com a prática pedagógica.

A partir da década de 60, surge em vários lugares do mundo, uma eclosão de movimentos sociais e culturais de diversas naturezas. Nesse período, teorias foram essenciais para a abertura de novas perspectivas de estudo do currículo.

Para Silva (2006), a crítica advinda dos movimentos sociais expressava a insatisfação com a escola seletiva e excludente, despreocupada com o processo de aprendizagem dos alunos e esvaziada de conteúdos com significados vitais.

Observamos que a ênfase das teorias críticas foi de procurar informar que a escola tem sido um lugar de subordinação e reprodução da cultura da classe dominante e das elites. Porém, com as teorias pós-críticas surgem movimentos de grupos culturais dominados que lutam para ter suas raízes culturais reconhecidas e representadas na cultura nacional.

As questões curriculares da atualidade estão ligadas aos aspectos culturais, pois a filosofia pós-moderna e outras teorias têm contribuído para discutir conceitos, como a pluralidade cultural.

As produções de currículo na vertente de estudos culturais não propõem alternativas curriculares, mas compreender as diferentes formações curriculares. Adotam as abordagens metodológicas etnográficas e as análises discursivas e textuais, tendo em vista a necessidade de ressignificar às noções de alta cultura e baixa cultura.

Pensadores pós-estruturalistas desenvolveram modos de análises dirigidas à crítica de algumas instituições como: família, escola, Estado, fábrica, etc. Também, para construir sua teorização, utilizaram vários meios tais como: leitura, escrita, artes visuais, cinema, comunicação, dentre outras.

Ao rejeitar as grandes narrativas, ao questionar um conhecimento universal e a distinção entre alta cultura e a cultura cotidiana, abrem espaço a currículos mais vinculados às diferenças culturais. Os estudos de currículo dentro desta perspectiva têm como objetivo o processo de construção e desenvolvimento de identidades mediante práticas sociais, privilegiando a análise de discurso. Ao denunciarem questões de interesse e poder na condução da instituição escolar, colocam sob suspeição toda a tradição filosófica e científica moderna, problematizando as próprias ideias de razão, progresso e ciência, que em última análise são a razão de ser da própria ideia da instituição escolar (Silva, 1999).

A importância de estudar o currículo é fundamental nos dias atuais, pois ele não é imparcial, é social e cultural, reflete uma concepção de sociedade e de educação.

Com relação à composição curricular, há várias formas, mas os Parâmetros Curriculares Nacionais indicam que os modelos dominantes na escola brasileira são marcados por uma forte fragmentação, e devem ser substituídos, na medida do possível, por uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar.

No que diz respeito ao ensino de História, (Nery, 2009) afirma que mediante as variadas abordagens metodológicas, é interessante para os professores apresentarem aos alunos as várias visões de mundo ao longo do tempo, utilizando os mais variados recursos a fim de ajudá-los a construir sua própria visão de mundo.

## APRESENTANDO AS VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO

Em cumprimento às exigências para conclusão do Componente Curricular Estágio Supervisionado I, apresento minhas experiências atuando como professor estagiário.

Entre várias escolas públicas de ensino fundamental e médio reservadas aos estudantes da Universidade Estadual da Paraíba para atuarem como professores estagiários optei pela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Anésio Leão, situado à Rua XV de Novembro S.N. no bairro da Palmeira na cidade de Campina Grande, na Paraíba.

Também conhecido como “Estadual da Palmeira”, a escola foi fundada no ano de 1978 pelo governador Ivan Bichara Sobreira. O nome da escola é em homenagem a um dos maiores educadores de Campina Grande que tinha um amplo conhecimento na área da gramática portuguesa, Anésio Ferreira Leão.

Anésio Ferreira Leão, nascido em 24 de março de 1900 em Campina Grande, era filho de Pedro Ferreira Leão e Francisca Tavares Leão. É considerado uma lenda da educação campinense. Começou seus estudos no Externato Campinense do professor Pedro Otávio, mas não chegou a terminar o curso primário. Mesmo sendo autodidata, seu extraordinário conhecimento na área da gramática, fez com que publicasse algumas obras, destacando-se o livro *Aulas de Português*.

No ano de 1914, Anésio iniciou com o professor Antônio da Silva Vigarinho seus estudos musicais, outra de suas paixões. Quando morou na cidade paraibana de Patos, por exemplo, Anésio Leão fundou a “Filarmônica 26 de Julho”, demonstrando seu grande apego à música.

Em 1920, fundou em Campina Grande o Instituto São Sebastião para meninos e meninas, uma novidade à época, tempos em que os estudos eram divididos entre os sexos.

A partir de 1928, passa um tempo vivendo em cidades diferentes, indo morar em várias localidades do Nordeste, a exemplo de Patos já citada, no Rio Grande do Norte, Pernambuco e na Bahia, quando enveredou também na política, sendo vereador na cidade de Feira de Santana. Voltando à Campina Grande, em 1954, partiu para a política local, chegando a ser vereador em 1963, pelo PSP (Partido Social Progressista), quando obteve 701 votos. Presidiu a Câmara Municipal de Campina Grande no período 1966/68, quando por motivos de doença, renunciou ao mandato.

Em honra ao seu livro de poesias “Gritos d’Alma” (1935), editado em João Pessoa, tornou-se o patrono da Academia de Letras de Campina Grande.

Viria a falecer no ano de 1971, ocasionando uma verdadeira comoção para seus inúmeros admiradores.

## CARACTERIZAÇÃO DA ESTRUTURA FÍSICA E HUMANA DA ESCOLA

A escola possui um espaço razoavelmente bom para as realizações das atividades escolares, oferecendo aos profissionais de educação e aos estudantes, boas condições de estudos. Quanto à estrutura física, a escola conta com:

18 salas de aula

01 biblioteca

01 laboratório de ciências

01 sala de vídeo

01 sala para a diretoria

01 sala de secretaria

01 sala de almoxarifado

01 sala para os professores

01 sala de leitura

01 sala de informática (20 computadores novos todos conectados à internet)

01 dispensa para merenda

01 cozinha

01 cantina

01 quadra de esportes coberta

02 baterias de sanitários para os alunos com 04 masculinos, 04 femininos

02 baterias de sanitários para professores e funcionários com 03 masculinos, 03 femininos

01 auditório para eventos e reuniões

Observação com relação à acessibilidade:

A escola não é acessível aos portadores de deficiência

As dependências da escola não são acessíveis aos portadores de deficiência

Os sanitários não são acessíveis aos portadores de deficiência

A escola não possui refeitório

Outras informações:

A escola possui 01 bebedouro com água filtrada

Abastecimento de água: Rede pública

Abastecimento de energia: Rede pública

Destino do esgoto: Rede pública

Destino do Lixo: Coleta periódica

Segundo informações da Direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Anésio Leão, a escola funciona nos turnos manhã, tarde e noite, possui 34 turmas, 49 professores, e 38 funcionários. Com uma capacidade estimada de 1800 alunos, possui 685 de ensino fundamental e 321 de ensino fundamental.

Dos 49 professores que lecionam na escola, a maioria possui formação superior e atuam a mais de dez anos no ensino em escolas públicas e privadas de Campina Grande.

No quadro de funcionários são 38 profissionais distribuídos assim:

03 vigias

02 cozinheiras

04 merendeiras

02 zeladores

04 trabalham na limpeza

10 trabalham na secretaria da escola

06 atuam na direção da escola

07 prestam serviços diversos

Com relação aos recursos didático-pedagógicos esta escola disponibiliza para uso dos professores, diversos livros didáticos de todas as disciplinas, uma grande variedade de mapas, uma sala de vídeo com TV, DVD, computador, impressora e datashow. Além de preparar materiais para uso dos professores como textos e provas para serem impressos, a escola fornece marcadores para quadros brancos.

A forma de funcionamento dos turnos e turmas em que se tem a presença do ensino de História se dá conforme quadro abaixo:

#### CARGA HORÁRIA DO ENSINO DE HISTÓRIA

TURNO	Nº DE TURMAS	HORA/AULA SEMANAL	CARGA HORÁRIA
MANHÃ	22	4	88
TARDE	6	3	18
NOITE	6	2	12

No total a carga horária é de 118 horas distribuídas para 34 turmas do 6º ao 9º ano do ensino fundamental e das três séries do ensino médio.

A média aproximada de alunos por turma é de 30 e a faixa etária estimada abrange estudantes dos 11 até os 19 anos. O Estadual da Palmeira recebe alunos dos bairros circunvizinhos como: Jeremias, Monte Santo, Jardim Continental e Cuités.

## OBSERVAÇÃO

No período que ainda estava sendo realizadas as atividades de conclusão do 1º bimestre, iniciei o período de observação em sala de aula no dia 26 de abril de 2012.

A turma que iniciei meu trabalho de observação foi o 8º ano A do turno da manhã, numa sala com 35 alunos formada predominantemente por adolescentes. Obedecendo ao calendário anual de 2012 (ver quadro abaixo) fiquei com a responsabilidade de dar sequência às atividades docentes e trabalhar os conteúdos durante todo o 2º bimestre.

CALENDÁRIO ANUAL DE 2012 – DIVISÕES DOS BIMESTRES
1º BIMESTRE DE 13/02 A 30/04 = 52 DIAS LETIVOS
2º BIMESTRE DE 02/05 A 31/07 = 52 DIAS LETIVOS
3º BIMESTRE DE 01/08 A 10/10 = 50 DIAS LETIVOS
4º BIMESTRE DE 11/10 A 19/12 = 46 DIAS LETIVOS

Quando cheguei ao Estadual da Palmeira fui bem recebido pela direção, pelos funcionários e pela professora de História Marlene da Silva Santos. Revi alguns funcionários e professores do período em que conclui o ensino fundamental e médio na década de 90.

Marlene da Silva Santos é professora licenciada pela Universidade Estadual da Paraíba e ministra aulas há mais de 15 anos em escolas públicas de Campina Grande.

A turma do 8º ano A era composta predominantemente por adolescentes e tinha quatro aulas semanais da disciplina de História, sendo duas na quinta-feira (3º e 4º aula) e duas na sexta-feira (1º e 2º aula).

Tive pouco tempo para observação da turma, mas não coloquei obstáculos, visto que tanto a professora quanto a direção deu-me total apoio para desempenhar minha atividade de professor estagiário.

Observei a atuação da professora Marlene Silva na turma apenas durante seis aulas, dias 26 de abril, 10 e 11 de Maio.

No dia 26 de abril foi entregue uma atividade de conclusão do 1º bimestre para ser feita em sala de aula, mas a turma não soube resolver sem pesquisar no caderno ou no livro didático, alguns alunos ainda não estavam de posse do livro didático e outros sequer levavam o material para a escola.

Nos dias 10 e 11 de maio foram iniciadas as atividades referentes ao 2º bimestre com um novo assunto a ser trabalhado em sala de aula.

Percebi que não seria tarefa fácil lidar com um grupo de 35 adolescentes que conversava muito, conversas distintas, futebol, novelas, músicas através do aparelho celular, etc. A professora sempre procurando manter a ordem. Neste período os recursos didático-pedagógicos utilizados pela professora foram o quadro branco que teve de ser trocado porque estava com problema, o livro didático e exposição dialogada do assunto.

Posso citar algumas situações dentro e fora da sala de aula que de algum modo interrompia o desenvolvimento das aulas e das atividades docentes da escola, pois houve paralisações das atividades, algumas devido aos feriados, reuniões com os pais, nas quais o assunto a ser tratado era o mau comportamento dos alunos e a utilização do aparelho celular na sala de aula, já que esta era uma das várias preocupações dos professores em relação ao desenvolvimento de suas atividades, uma vez que os celulares estavam se tornando um empecilho ao processo de aprendizagem dos alunos por conta do seu uso descontrolado.

Havia também problemas com relação à falta de professores e de funcionários fazendo com que os alunos ficassem impacientes e começassem a fazer barulho no pátio e nos corredores da escola, situação que descaracteriza o ambiente escolar.

Por outro lado, deve-se ressaltar que quanto ao funcionamento da merenda escolar esta tem sido garantida regularmente a todos os estudantes do ensino fundamental, conforme exigência do Ministério da Educação.

Minha impressão acerca do Estadual da Palmeira é que apesar de contar com uma boa localização e uma estrutura física adequada e conservada, visto que esta escola possui salas de aulas bem iluminadas e ventiladas, a escola é alvo de denúncias acerca da violência e de tráfico de drogas, algo que infelizmente já se tornou comum em boa parte das escolas públicas estaduais da Paraíba. Embora tenha observado a existência de algumas carteiras, fechaduras, janelões e pinturas danificadas, não há nada que possa comprometer a integridade física dos alunos e dos funcionários.

## REGÊNCIA

Com relação a minha atuação na regência em sala de aula dei prosseguimento ao cronograma de aulas e de conteúdos estabelecidos pela direção da escola, trabalhando em conjunto com a professora.

Minha preocupação enquanto professor estagiário foi a de cumprir com as determinações estabelecidas em cumprimento às exigências para conclusão do Componente Curricular Estágio Supervisionado I e manter o propósito de lecionar os conteúdos de forma que os alunos desenvolvessem o processo de aprendizagem.

Não tinha experiências docentes, mas com o apoio da direção e da professora Marlene da Silva Santos pude desempenhar minhas funções normalmente.

Conforme havia citado anteriormente fiquei na responsabilidade de dar sequência às atividades docentes e trabalhar os conteúdos durante todo o 2º bimestre. A professora Marlene Silva já havia iniciado o ensino dos conteúdos estabelecidos.

Durante o 2º bimestre, período que correspondeu a 52 dias letivos, foram trabalhados três conteúdos históricos em sala de aula:

### 1º A Revolução Industrial.

Foi o conteúdo histórico que mais explorei durante as aulas. Discutir com os alunos as fases da Revolução Industrial, as transformações sociais, os avanços tecnológicos nos transportes e nas comunicações, a divisão do trabalho, a situação dos trabalhadores nas fábricas, a jornada de trabalho, o trabalho infantil, movimentos operários, etc.

### 2º A independência na América espanhola.

Devido às várias paralisações este conteúdo teve de ser bem resumido. Trabalhei utilizando mapas e destaquei acontecimentos que levaram à formação de novos países na América espanhola. Expliquei que uma das diferenças entre a América espanhola e a América portuguesa estava no idioma dos colonizadores que predominou em cada uma das colônias.

### 3º A independência na América portuguesa.

Aproveitei o tempo que restou para o término do 2º bimestre para trabalhar este conteúdo. Destaquei os fatos que antecederam a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil, a chegada à cidade de Salvador, descrevi aspectos da cidade do Rio de Janeiro que a Corte portuguesa encontrou, mudanças na administração do príncipe regente D. João VI e destaquei os fatos que culminaram com a Independência do Brasil em 7 de setembro de 1822.

Meu desafio em trabalhar os conteúdos históricos foi ter sempre a preocupação em fazer várias leituras acerca do assunto e transmiti-lo de forma fácil, segura e coerente, com a preocupação de não cometer anacronismos, deixando a compreensão o mais fácil possível.

Para a explicação dos conteúdos levava sempre comigo um plano de aula esquematizado, o qual me norteava durante o tempo total de aula, que era de 45 minutos, contento assunto principal a ser trabalhado, problematização do tema proposto, objetivos específicos a fim de desenvolver e descrever o conteúdo de forma organizada, também a forma como iria expor os conteúdos através dos recursos didático-pedagógicos, além das fontes consultadas e utilizadas para a pesquisa e aplicação dos conteúdos, contribuindo para um melhor aproveitamento do tempo em sala de aula e da organização dos conteúdos históricos a serem trabalhados. VER MODELO DE PLANO DE AULA EM ANEXO I.

Com relação aos recursos didático-pedagógicos utilizados em sala de aula no período da minha regência foram: o livro didático cedido pela escola, o quadro branco, mapas, figuras, imagens, textos extraídos da internet, exposição dialogada do assunto, etc.

Acerca do livro didático utilizado em sala de aula foi o livro de História do 8º ano da Coleção Projeto Radix de Cláudio Vicentino, fornecido pela editora Scipione. Este livro foi organizado em oito módulos contendo textos complementares, seções especiais mostrando propostas de se trabalhar com documentos históricos, analisando e conhecendo os diferentes tipos de documentos, também contém uma seção com dicas de filmes, livros e *sites* relacionados aos temas de cada capítulo.

Apesar de o livro apresentar uma boa proposta de trabalho com os conteúdos históricos, não me limitei a fazer uso exclusivo dele na sala de aula, pois busquei outras fontes como forma de ensinar aos alunos.

Vale destacar que apesar da escola dispor de novas tecnologias que ajudam no ensino de História, pois conta com uma sala de vídeo e uma sala de informática bem equipada, não tive oportunidade de trabalhar com a turma um vídeo sequer devido a problemas técnicos existentes durante o momento em que eu ministrava as aulas.

Devido à falta de recursos durante minha regência tive de propiciar meios pelos quais pudessem auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos. A solução por mim encontrada quando estava trabalhando os conteúdos referentes à Revolução Industrial foi a de desenhar figuras no quadro que pudessem chamar atenção da turma enquanto eu explicava.

Também utilizei algumas figuras extraídas da internet mostrando que novas ferramentas de pesquisa podem e devem ser aproveitadas pelos professores para o desenvolvimento dos métodos de ensino e de aprendizagem. VER IMAGENS EM ANEXO II. Notei que a utilização das imagens foi relevante, visto que houve uma maior participação dos alunos na aula. Muitos deles começaram a tirar dúvidas, e a partir daí pude expor melhor o conteúdo.

Desde o momento em que iniciei minha regência procurei identificar quais eram as maiores dificuldades dos alunos em relação ao aprendizado dos conteúdos escolares, quais eram suas dúvidas, se gostavam de leitura, se eram atenciosos, etc.

Tendo em vista que estava na responsabilidade de avaliá-los, me dediquei a observar cada aluno da sala, começando pela frequência, fazendo a chamada em todas as aulas, pois precisava conhecer todos eles pelo nome e verificar o grau de conhecimento em relação ao conteúdo de História. Não foi tarefa fácil decorar os nomes e analisar as características dos alunos a fim aplicar a metodologia ideal para eles.

De início meu maior desafio foi o de tornar a sala de aula um ambiente propício para o desenvolvimento das práticas de ensino, já que a turma era composta por 35 alunos que vinham frequentemente assistir aula e tinha o hábito de conversar em excesso. Entretanto, durante todo o período da regência tive um bom relacionamento com toda a turma. Em nenhum momento fui xingado ou desrespeitado, mesmo pelos alunos que tinham um mau comportamento. Fiz vista grossa para algumas conversas corriqueiras, pois entendi que faz parte da faixa etária deles. Durante algumas aulas a professora Marlene Silva ajudou a conter a conversa deles e sempre se colocou à disposição para o desenvolvimento do trabalho de estágio, porém não fez interferências na minha metodologia de ensino.

Durante todo o 2º bimestre fiz três exercícios de avaliação correspondentes aos conteúdos históricos ensinados neste período. Procurei desenvolver uma forma de avaliação sucinta, com o intuito de verificar o aprendizado e a escrita dos alunos.

Após a correção das atividades retomava parte do assunto em que eles tivessem dificuldade de aprender. Mostrava no quadro os pontos fundamentais e os erros da questão aplicada. Verificava se algum aluno tinha ficado com alguma dúvida para poder dar sequência às atividades. VER MODELO DE ATIVIDADE EM ANEXO III

No final do 2º bimestre publiquei todas as notas das avaliações. Para felicidade da turma, todos conseguiram um bom desempenho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É interessante destacar como ponto positivo na minha experiência como professor estagiário a forma bastante receptiva da direção e demais funcionários da escola, em especial o carinho, o respeito e a atenção da professora Marlene Silva, dando total apoio e liberdade afim de eu poder desempenhar minha atividade junto à turma do 8º ano A.

Como ponto negativo destaco a questão do cronograma escolar ter sido comprometido devido as muitas paralisações, reuniões e feriados ao longo do 2º bimestre. Acredito que durante os outros bimestres a situação tenha permanecido. Com isto, o tempo ficou bastante limitado para trabalhar de forma adequada os conteúdos históricos. A dificuldade de realizar uma atividade pedagógica fora da sala de aula, como: visita a um museu, passeio por um ponto turístico da cidade. Também destaco a deficiência com relação à leitura dos alunos, visto que a grande maioria não exercita esta prática tão necessária ao conhecimento e ao desenvolvimento crítico. Outro ponto que parece ser determinante para a falta de atenção e o mau comportamento dos alunos na sala de aula é a falta de atividades físicas eficientes na escola, ainda que ela contenha uma quadra esportiva, na faixa etária dos 11 aos 16 anos precisa gastar energia, observei que os alunos eram muito inquietos e que o tempo reservado para as atividades físicas de crianças e adolescentes não era suficiente e não abrangia de forma satisfatória a todos os estudantes da escola.

Faz-se necessário refletir que os problemas enfrentados na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. Anésio Leão não são exclusivos dela, infelizmente, são problemas que refletem o cotidiano escolar das inúmeras instituições públicas de ensino no Brasil.

Do ponto de vista histórico, se tomarmos o nosso país como exemplo, podemos verificar que desde o início da colonização até os dias atuais o sistema educacional tendeu a ser inoperante, pouco atendendo de forma satisfatória à maioria da população. Fazem-se muitas promessas e até se investe na educação, porém, o resultado final parece só agradar a um pequeno grupo.

Infelizmente educação no nosso país não faz parte essencial nas políticas adotadas pelos grupos detentores de poder, um rápido olhar para as escolas públicas do Brasil já é o suficiente para perceber o quanto elas carecem de atenção, tanto nas estruturas físicas quanto na parte organizacional. Os números que as autoridades responsáveis apresentam diferem muito da realidade do cotidiano escolar dos milhões de estudantes espalhados de norte a sul do país. Estamos muito atrasados em comparação com países que através de um bom investimento na qualidade da educação alcançaram êxito quanto ao desenvolvimento da qualidade de vida de seus habitantes. No Brasil não se construiu uma cultura onde os

profissionais que lidam com educação sejam respeitados. O hábito da leitura não faz parte do nosso cotidiano, inclusive para estudantes de ensino superior. Os professores estão longe de serem reconhecidos pelo trabalho de tamanha importância que exercem na sociedade, são mal remunerados, mal preparados, além de sofrerem com uma enorme carga horária, classes super lotadas, violência, etc.

Meu desafio com base na reflexão das relações entre o saber histórico vivenciado na graduação e o saber histórico escolar vivenciado no estágio foi desempenhar meu trabalho de forma responsável, comprometido único exclusivamente com as práticas de ensino dos conteúdos históricos estabelecidos pela grade curricular.

Em nenhum momento que estive em sala de aula agi como dono da verdade ou como um ditador, que via nos alunos pessoas incapazes de desenvolver conhecimento, eles são seres humanos passíveis de erros e não objetos. Precisam ser tratados com respeito, uma vez que a deficiência do sistema educacional não tira, ou não deve tirar, de modo algum, a responsabilidade e o compromisso do professor para com o ensino e o aprendizado dos alunos. Entendo que por mais árdua que possa parecer a função de professor de História, ele ocupa uma posição de destaque na formação e na construção da sociedade através de suas práticas pedagógicas.

E por fim, gostaria de publicar algo que norteou minha prática de ensino durante meu período de estágio no Estadual da Palmeira. Faz parte do *site* [EscolasemPartido.org](http://EscolasemPartido.org), uma associação informal, independente, sem fins lucrativos e sem qualquer espécie de vinculação política, ideológica ou partidária.

#### Deveres do Professor

1. O professor não abusará da inexperiência, da falta de conhecimento ou da imaturidade dos alunos, com o objetivo de cooptá-los para esta ou aquela corrente político-partidária, nem adotará livros didáticos que tenham esse objetivo.
2. O professor não favorecerá nem prejudicará os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, religiosas, ou da falta delas.
3. O professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas.
4. Ao tratar de questões políticas, sócio-culturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade -, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas a respeito.

5. O professor não criará em sala de aula uma atmosfera de intimidação, ostensiva ou sutil, capaz de desencorajar a manifestação de pontos de vista discordantes dos seus, nem permitirá que tal atmosfera seja criada pela ação de alunos sectários ou de outros professores.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- APPLE, M. *Ideologia e Currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- BITENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: Fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2004.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia* / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: história* / Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC / SEF, 1998.
- FONSECA, Selva Guimarães. *Caminhos da história ensinada*. Campinas: Papyrus, 1993.
- \_\_\_\_\_. Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados*. 7 ° ed. São Paulo: Papyrus, 2003.
- GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- \_\_\_\_\_. Qual o papel da pedagogia crítica nos estudos de língua e de cultura? Entrevista com Henry A. Giroux. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n., 73, p. 131-143, dez. 2005.
- GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*, Petrópolis: Vozes, 1995.
- NERY, Vanderlei Elias. *Currículo como processo vivenciado na escola*. *Revista Espaço Acadêmico*, ISSN 15196186, nº 96, maio de 2009.
- NOSELLA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As belas mentiras: A ideologia subjacente aos textos didáticos*. 8. ed. São Paulo: Moraes, 1981.
- RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 11 ° ed – São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e Interdisciplinariedade; o currículo integrado*. Porto Alegre: Artes Médicas 1998.
- SILVA, M. A. *História do Currículo e Currículo como Construção Histórico-cultural*. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2006, Uberlândia. *Anais...* v. 1. Uberlândia: EDUFU, 2006. p.4820-4828.
- SILVA, T. T. *Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- Anésio Leão, um dos maiores educadores de Campina Grande. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>> Acesso em: 12 nov. 2012.

## **ANEXO I**

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR**

**ANÉSIO LEÃO**

**DISCIPLINA: HISTÓRIA**

**TURMA: 8º ANO A          TURNO: MANHÃ**

**PROFESSOR: NELSON GONÇALVES**

**DURAÇÃO: 90 MINUTOS (02 aulas)**

**DATA 17 de Maio de 2012**

**PLANO DE AULA**

**ASSUNTO: A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

**TEMA: CARACTERÍSTICAS DAS FÁBRICAS NO INÍCIO DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL**

**EIXO PROBLEMATIZADOR:**

- Quais as principais características das primeiras fábricas na Inglaterra?

**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

-Descrever a localização;

-Descrever o interior das fábricas no início da Revolução Industrial.

**CONTEÚDO:**

-Início das fábricas

-Utilização da energia hidráulica e do vapor no trabalho fabril.

**METODOLOGIA E RECURSOS DIDÁTICOS PEDAGÓGICOS:**

-Aula discursiva

-Utilização do quadro.

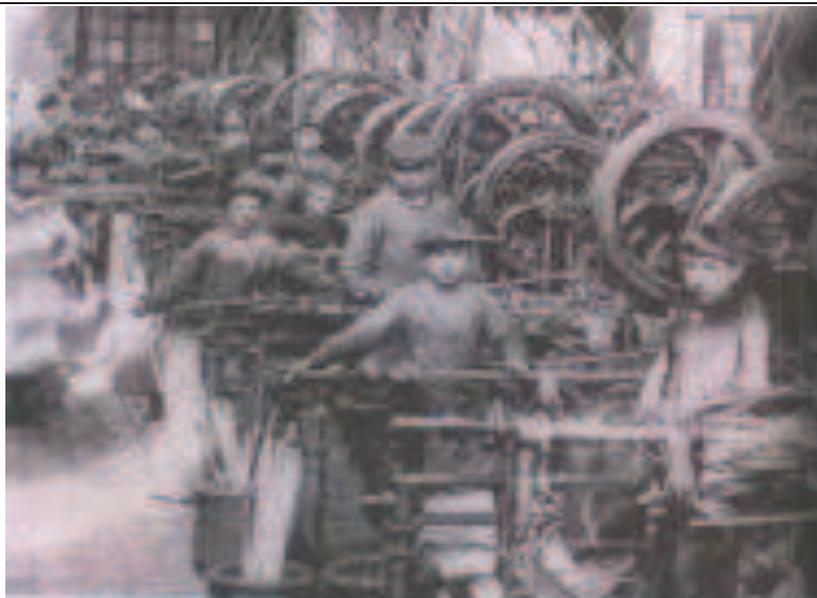
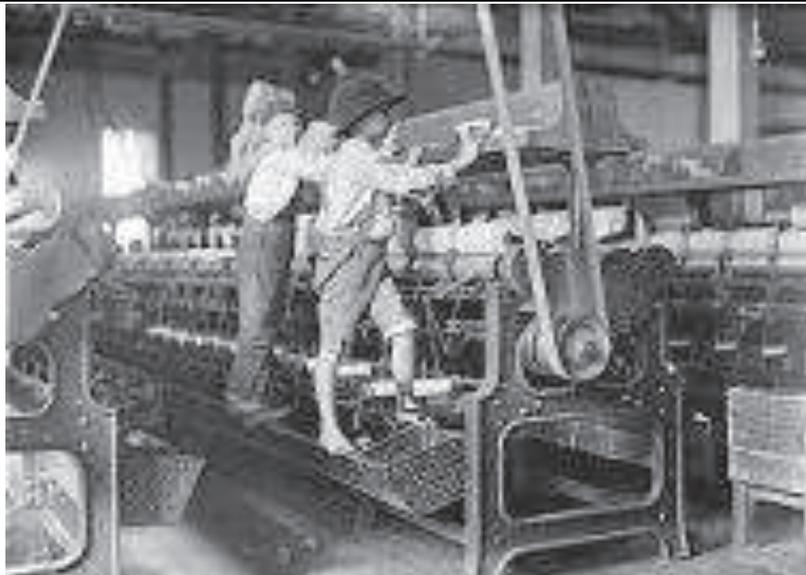
**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:**

VICETINO, Cláudio. Projeto Radix: História, 8º ano. São Paulo: Scipione, 2009. P. 86-92.

ENGELS, Friedrich. A Situação da classe trabalhadora na Inglaterra. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

VON MISES, Ludwig. Fatos e mitos sobre a "Revolução Industrial". Disponível em <http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura>

ANEXO II



**ANEXO III**

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO PROFESSOR  
ANÉSIO LEÃO**

**DISCIPLINA: HISTÓRIA**

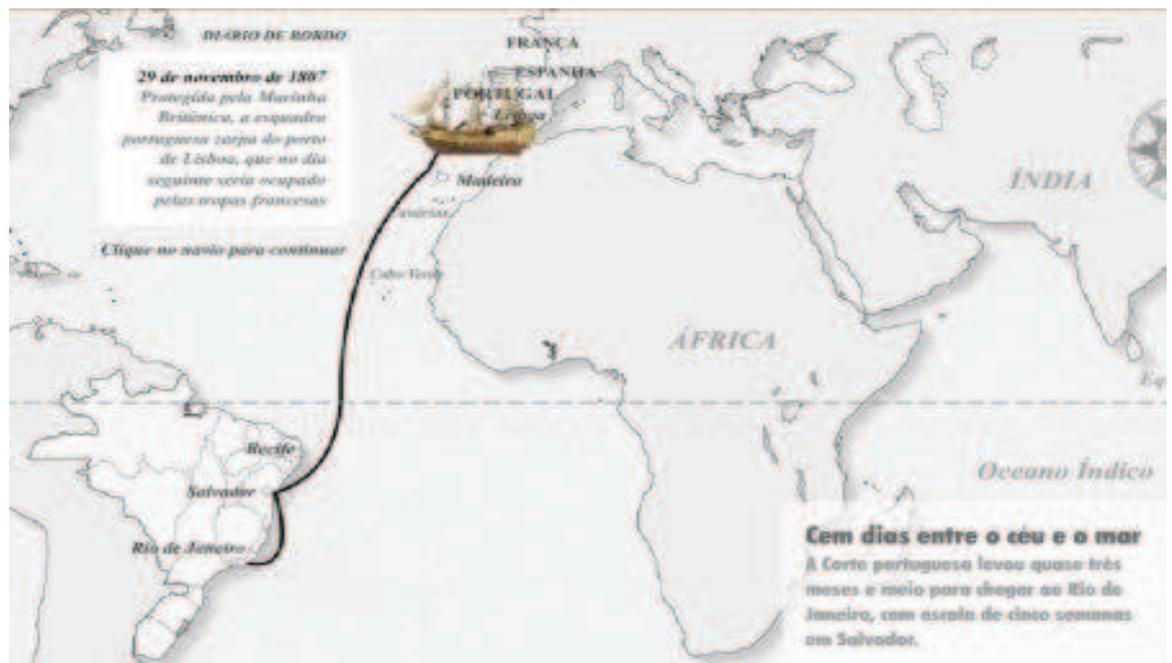
**TURMA: 8º ANO A      TURNO: MANHÃ**

**PROFESSOR: NELSON GONÇALVES**

**ALUNO (A): .....**

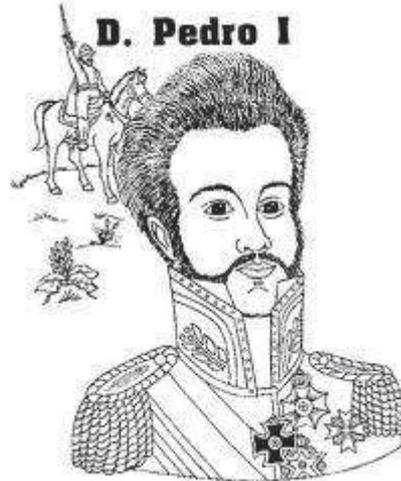
**EXERCÍCIO DE AVALIAÇÃO**

1. Observe o mapa abaixo e responda as seguintes questões:



- A) Comente os motivos da vinda da família real para a colônia portuguesa.
- B) Ao chegar à cidade de Salvador o que o príncipe regente, D. João, decretou? E qual a importância de tal decreto?
- C) Descreva como era a cidade do Rio de Janeiro que a Corte portuguesa encontrou.
2. Cite algumas mudanças que se destacaram com a administração de D. João (1808-1821).

3. Observe a figura abaixo do príncipe regente D. Pedro e responda a seguintes questões:



A) Explique por que o dia 9 de janeiro de 1822 ficou conhecido como o Dia do Fico.

B) Responda onde foi o lugar e quando foi a data oficializada da Independência do Brasil?